

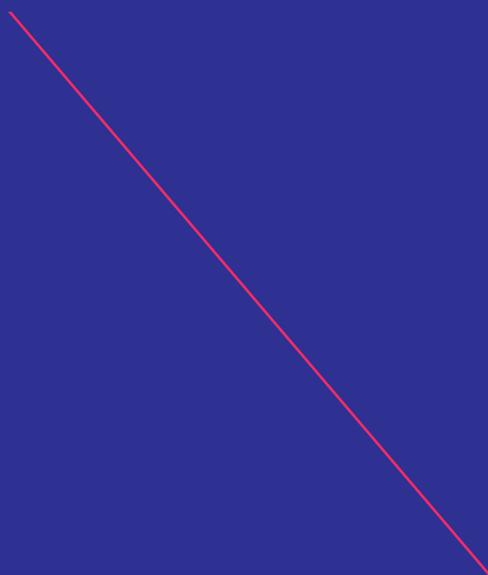
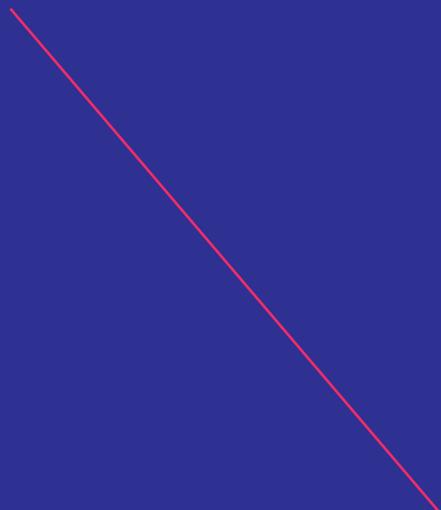
A

artes

Colaboradora

comunidades

um registro







Marilda Carvalho se preparando para o Cabaré.

Sumário

| | | |
|----|--|--|
| 6 | Apresentação | |
| 8 | Editorial _O valor das redes de colaboração | |
| 12 | Introdução _Documentar para inspirar | |
| 16 | 01. O início | |
| 18 | / Planejamento prévio | |
| 20 | / Chamada pública | |
| 22 | 02. Conhecendo | |
| 24 | / Território | |
| 28 | / Metodologias colaborativas para o fortalecimento do comum: convivência, autogestão e inteligência coletiva | |
| 30 | / Pessoas e projetos | |
| | / Aline Benedito (FIXXA) | |
| | / Bruno Malagrino | |
| | / Cássia Sabino | |
| | / Ewald Cordeiro | |
| | / Juliana do Espírito Santo | |
| | / Marilda Carvalho | |
| | / Marina Guzzo | |
| | / Marina Paes | |
| | / MID | |
| | / Michael Xavier (MK) | |
| | / Ornella Rodrigues | |
| | / Révi | |
| 44 | 03. Acordos | |
| 46 | / Moeda de tempo: não me amarra dinheiro não | |
| 47 | / Autogestão: todos juntos? | |
| 49 | / Cuidados: quem limpa a sua sala? Sua cozinha? Sua privada? | |
| 50 | 04. Ateliê | |
| 58 | 05. Finalização | |
| 60 | / Festival _Encontro de culturas e comunidades | |
| | / Aprendizados _“A arte de viver, que ainda floresce” | |

Apresentação

O QUE É_ Esta é uma publicação da Colaboradora - Artes e Comunidades. O projeto, desenvolvido pelo Instituto Procomum em 2018, associa uma rede colaborativa de artistas e criadores a um espaço coletivo de trabalho (o LAB Procomum) e a um processo de formação para a produção cultural e a ação comunitária em defesa do comum. Por um ano, promovemos o intercâmbio de conhecimentos e de produção estética e artística, sempre conectados à noção de comunidade e de território, especificamente nos bairros que conformam a Bacia do Mercado, na cidade de Santos, litoral de São Paulo, Brasil. A partir de relatos e reflexões colhidos entre os participantes (artistas e público) e junto aos gestores do projeto, produzimos este documento cujo objetivo é inspirar outras iniciativas semelhantes.

PARA QUEM_ A publicação foi pensada para organizações da sociedade civil, órgãos públicos, empresas privadas, financiadores, agentes sociais, líderes comunitários e laboratórios cidadãos que desejam criar, aperfeiçoar e/ou ativar uma rede de colaboração artística e comunitária.

A COLABORADORA - ARTES E COMUNIDADE DO INSTITUTO PROCOMUM_ Artes e Comunidades é uma escola colaborativa de arte, com foco no desenvolvimento de projetos culturais de dimensão comunitária, cujo formato é, em si, uma solução inovadora de mediação político-cultural, por ser um arranjo de cooperação baseado na escuta ativa dos territórios, no uso de uma moeda social de tempo e em práticas de cuidado.

Em seu primeiro ano de desenvolvimento, o projeto forjou laços comunitários e articulou uma rede de artistas socialmente engajados, cujos trabalhos buscaram a transformação objetiva e subjetiva do viver. Ao produzir um fluxo contínuo de relacionamento entre as diferentes comunidades, a Colaboradora se tornou um ambiente experimental de prática do comum.

O projeto foi inspirado em "La Colaboradora", programa do ecossistema de inovação social Zaragoza Activa, na Espanha, um Laboratório de Inovação Cidadã parceiro do Instituto Procomum.

A COMUNIDADE_ Neste projeto, a articulação das distintas dimensões comunitárias ocorreu por meio da arte e da cultura, em diferentes camadas de ação: projetos incubados, residências, mapeamentos, formação continuada e circuito cultural. A cultura, portanto, é o rizoma conector de uma cidadania-ativa e criativa. Nessa perspectiva, nenhum cidadão é tratado apenas como beneficiário de direitos humanos e sociais mas como um co-criador de mundos possíveis. Nossa principal matéria-prima, nesse sentido, é a experiência singular das pessoas.

A Colaboradora é:

- um espaço físico coletivo de trabalho e criação;
- uma plataforma para expressões artísticas que transformam vidas;
- uma experimentação ética e estética de uma arte do comum;
- uma escola colaborativa de artes e empreendedorismo;
- Uma experimentação e sistematização de uma moeda social do tempo, através da troca de horas;
- uma ação de cultura e educação na bacia do mercado, em Santos.

Para saber mais sobre
"La Colaboradora" acesse:
[zaragoza.es/ciudad/sectores/
activa/lacolaboradora/](http://zaragoza.es/ciudad/sectores/activa/lacolaboradora/)

Para ler mais conteúdos
da Colaboradora acesse:
[labsantista.procomum.org/a-
colaboradora-2018/](http://labsantista.procomum.org/a-colaboradora-2018/)

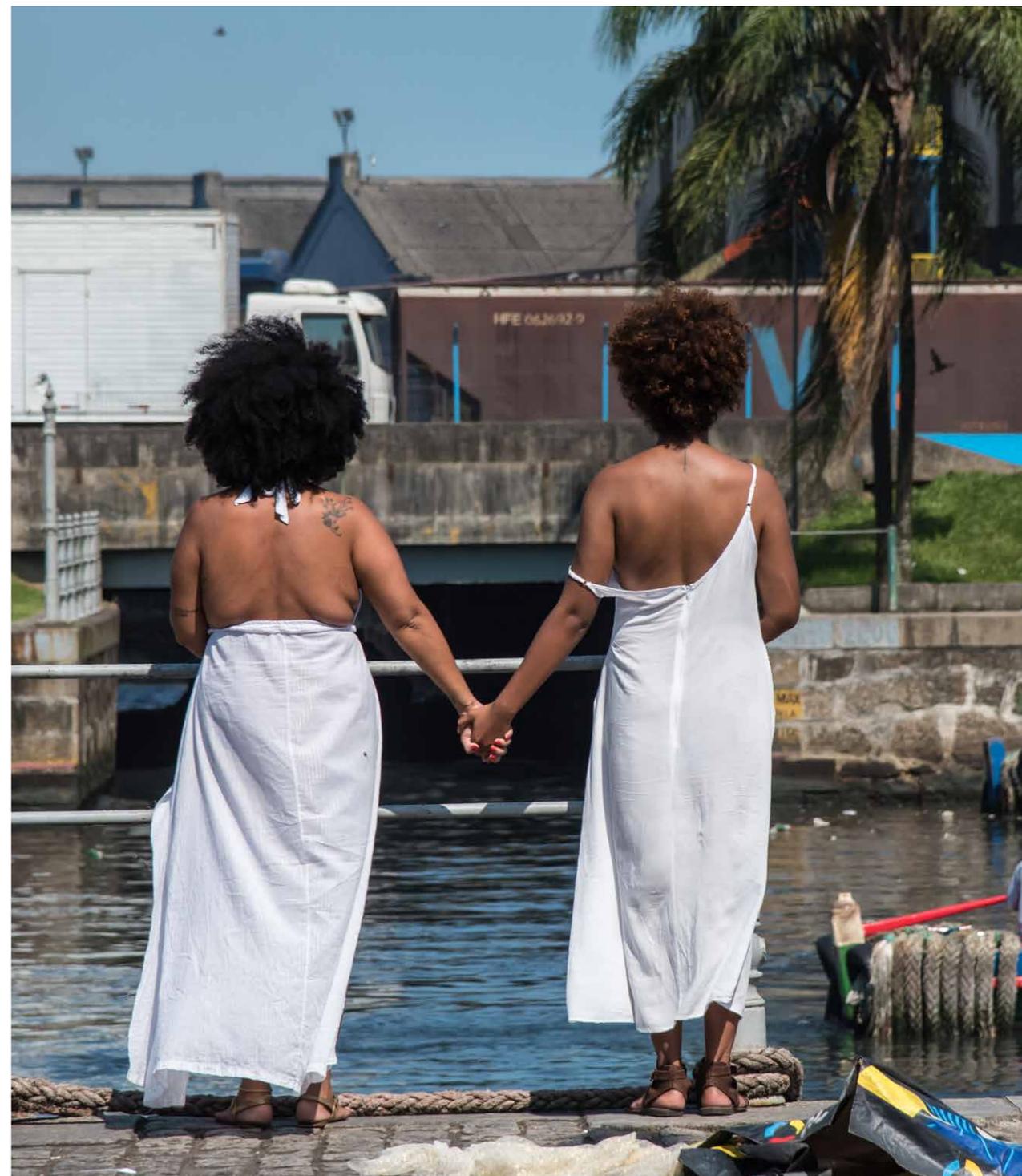
O valor das redes de colaboração

por Rodrigo Savazoni, diretor do Instituto Procomum

O projeto A Colaboradora, cuja documentação é objeto desta publicação, nasceu como La Colaboradora, em Zaragoza, capital da Província de Aragão, Espanha, e tinha como missão enfrentar um problema crônico do mundo atual: a falta de emprego e renda que assola a população mais jovem. Nos idos de 2013, seus idealizadores queriam criar uma rede solidária de empreendedores e/ou *freelancers* da área criativa, dotando-os de um espaço de trabalho coletivo (*coworking*) e formação aberta e livre. A seleção dos colaboradores seria feita por chamada pública e as vagas oferecidas gratuitamente. Em contrapartida, os profissionais selecionados deveriam doar horas uns para os outros, criando assim um banco de tempo e uma moeda social entre pares. Inovador desde o princípio, fez enorme sucesso, atendeu mais de 300 pessoas ao longo de seus cinco primeiros anos de existência e foi reconhecido com o prêmio *EuroCites Award* de 2016.

Conheci La Colaboradora e por ela me apaixonei em 2015, durante um programa de intercâmbio em inovação cidadã promovido pela Secretaria Geral Iberoamericana, que me permitiu fazer uma residência de um mês na Espanha. Na ocasião, nem o Instituto Procomum (IP) nem nosso laboratório cidadão existiam: estavam em gestação. As trocas ocorridas durante essa viagem foram, sem dúvida, essenciais para o que viríamos a ser.

De tudo que vi naqueles dias – e vi muita coisa bacana – nada me deixou tão impactado como o projeto de economia criativa de Zaragoza: o Zaragoza Activa. Com sua sede localizada dentro do edifício da Azucarera, uma antiga fábrica de açúcar de beterraba reformada para abrigar um espaço cultural de 7 mil m², tinha inúmeras frentes de ação, entre elas justamente La Colaboradora, cujo ambiente parecia um sonho, com suas paredes de tijolos aparentes, seus móveis novos de design refinado, suas metodologias de cooperação bem estabelecidas, sua rede de pessoas interessadas e interessantes que pareciam muito felizes por estar ali.



Ornella Rodrigues e Juliana do Espírito Santo durante a performance Aporto/Tsunami.



Colaboradores, Coletivo Itinerâncias e Equipe Procomum em sua primeira imersão.

Voltei ao Brasil extremamente inspirado, sabendo que um dia iríamos experimentar na Baixada Santista uma versão tropicalizada da metodologia espanhola. E aqui estamos. Contando para vocês o que a gente aprendeu com a nossa A Colaboradora - Artes e Comunidades, que foi desenvolvida ao longo de 2018 e juntou 12 artistas de diferentes linguagens em um processo coletivo extremamente transformador para cada um de nós.

De antemão, confesso que teve coisas que a gente imitou mesmo, porque o que é bom merece ser copiado (e isso só é possível se os projetos são de código aberto). Várias outras, porém, buscamos fazer diferente, incorporando desde o princípio referências e olhares de nossa equipe do Instituto Procomum. Preservamos, por exemplo, a seleção pública, a gratuidade das vagas, a oferta de um espaço de trabalho coletivo, o uso da moeda social de tempo e o estímulo à autoformação.

De resto, foram muitas adaptações:

Lá, La Colaboradora é uma iniciativa pública, mantida pela prefeitura de uma das maiores cidades da Espanha. Cá, A Colaboradora é uma iniciativa de uma organização da sociedade civil, com foco em inventar e praticar o comum, financiada com recursos internacionais. Lá, tem como recorte o empreendedorismo e as transformações do trabalho no século 21. Cá, reuniu artistas e criadores que buscam a transformação social em territórios abandonados pelo poder público, especificamente os bairros que estão no entorno de nossa sede, a chamada Bacia do Mercado, em Santos.

Lá, embora a rede tenha bastante autonomia em relação à prefeitura, dispõe de serviços básicos como limpeza, custeio de luz, água e outros insumos básicos. Cá, a questão do trabalho reprodutivo e dos cuidados uns com os outros e com o espaço ganhou centralidade, sendo parte das contrapartidas exigidas na própria convocatória.

Aqui também demos muita ênfase a aspectos de raça e gênero e oferecemos aos artistas selecionados uma pequena bolsa, o que não estava previsto inicialmente, mas que foi necessária uma vez que a situação de exclusão social no sul global é incomparavelmente mais perversa.

Na cultura hacker, que o software livre nos ensina, há uma máxima que diz assim: "publique logo, publique sempre". Afinal, para que guardar uma informação se você pode compartilhá-la com mais gente? É nisso que a gente acredita: que juntos, em trocas horizontais, podemos melhorar nossas vidas. E que nesse caldeirão de boas ideias, cabem também muitos temperos, inclusive os nossos, colhidos em hortas e matas caiçaras.

Por fim, vale dizer, formamos parte de uma articulação de experiências similares que estão sendo desenvolvidas em outras cidades da Espanha, em Santa Fé e Rosário, na Argentina e em Pasto, província de Nariño, na Colômbia. Se, com esta publicação, nosso leitor se sentir animado a construir sua própria Colaboradora, fica o convite para se somar à nossa rede.

Documentar para inspirar

por Marília Guarita, coordenadora da Colaboradora e Rodrigo Savazoni, diretor do Instituto Procomum

Os projetos que fazemos no Instituto Procomum se caracterizam pela complexidade. Costumeiramente, somos interpelados sobre o significado do comum, sobre as nossas linhas de ação (afinal qual é o foco do trabalho de vocês?), sobre o impacto que nossas realizações produzem. São perguntas que nos perseguem e que temos nos preparado para responder cada vez melhor. Com a Colaboradora - Artes e Comunidades não foi diferente. O projeto, embora inspirado em uma experiência oriunda da Europa, ganhou novos contornos e passou a unir arte com assistência social, cultura com economia colaborativa, cuidado com derivas territoriais, tudo isso mediado por uma atenção especial a cada pessoa envolvida em nossa teia de colaboração.

Como, então, extrair desse emaranhado algo palpável?

Desde o início do nosso trabalho, temos apostado na produção de publicações que documentem os conhecimentos que geramos ao longo dos processos nos quais estamos inseridos. Esse material é uma tentativa de sistematização, cuja finalidade é dar a conhecer o que fizemos e também inspirar parceiras e parceiros (ou parceiros) na invenção de um mundo comum.

Não se trata de uma metodologia fechada, um passo a passo ou um guia de como fazer. O que produzimos foi a documentação de um processo aberto, que segue em curso (vivenciamos apenas o primeiro ano dessa jornada). Nos últimos tempos, sob influência de organizações parceiras como o CASCO - working for the commons, da Holanda, passamos a refletir muito sobre o processo de aprendizagem e desaprendizagem. Aquilo que incorporamos ao nosso HD e também aquilo que temos de nos livrar para chegar a resultados efetivamente transformadores. Assim,

Para saber mais sobre Casco: <http://casco.art/>

O significado do comum

O comum é uma lente para enxergar a realidade de outra maneira. Estes seis tópicos tratam de aspectos complementares de como nossa organização entende esse conceito.

- 1 O comum é formado pelos bens comuns em si (o planeta, o patrimônio sócio-ambiental, o corpo, o urbano e o digital) somados à gestão desses bens por comunidades que se autogovernam criando procedimentos e regras que garantam o usufruto entre todas e todos – e impeçam a apropriação do bem por um ou alguns, o chamado cercamento. Na fórmula sintética proposta por David Bollier: comum = recurso+ comunidade + protocolos
- 2 É um modelo de governança operado por uma rede entre comuneiras e comuneiros, suas comunidades e o planeta.
- 3 É um processo político que nos convoca a agir para além das formas estratificadas do mercado e do Estado moderno.
- 4 É também uma alternativa econômica que produz no interior das comunidades (locais ou globais) relações de reciprocidade (dádiva), generosidade e solidariedade, as quais privilegiam o valor de uso ao de troca.
- 5 É a vida em coletivo – sendo esse coletivo formado pelos humanos, suas criações (os não-humanos) e os demais seres vivos que co-habitam a Terra (ela própria um ser vivo). Portanto, um sistema sócio-ecológico
- 6 É uma transformação cultural de grandes proporções, como resultado de um processo escorado em afetos, sentidos e na espiritualidade. Um tutorial prático para uma vida de alegria e imaginação.

com base em depoimentos e reflexões de artistas e do público mobilizado durante o projeto, bem como de nossos parceiros e equipe de trabalho, reunimos elementos que nos ensinaram e nos “desensinaram” ao longo do projeto.

Em seu primeiro ano, A Colaboradora - Artes e Comunidades gerou resultados concretos. Formou doze artistas (dos treze inicialmente selecionados), cujas vozes e imagens se encontram reunidas parcialmente nesta edição; promoveu 150 atividades culturais, impactando cerca de 1800 pessoas na região da Bacia do Mercado; mobilizou transações da moeda social que se fossem convertidas para dinheiro corrente corresponderiam a cerca de R\$ 48.000,00 (ou €12.841, considerando o valor da hora de profissionais de cultura dessa região); viabilizou a montagem de primeiras exposições, livros de estreia, mostras circenses, espetáculos vários, além de abrir um canal subjetivo de compreensão do mundo que é quase impossível de mensurar, a não ser a partir do diálogo olho no olho com quem do projeto participou. Nesse sentido, em busca de trazer para estas páginas atravessamentos emocionais, encerramos este texto de abertura com o depoimento de Luana.

Moradora da Vila Matias, ela tomou contato com o projeto da Colaboradora no Centro de Apoio Psicossocial do centro da cidade, o CAPS. Soube que haveria, em uma das atividades promovidas pelos artistas da colaboradora, em diálogo com o residente Nemécio Berrio Guerrero (cuja vinda também foi viabilizada pelo projeto), uma oficina de dança. Ouçamos o que ela tem a nos dizer.

“Eu imaginei que era outro tipo de dança, algo já pronto... Mas foi proposto que a gente criasse a nossa própria dança, que a gente colocasse para fora o que tivesse dentro da gente. Ai eu acabei descobrindo em mim uma bailarina, que eu não sabia que existia e que eu coloquei para fora. A partir daí eu faço ballet e eu me sinto bem assim.

Esse projeto foi maravilhoso porque ele abre portas para muitas atividades ... para as pessoas verem a cultura que existe, que existe outra realidade, não só a realidade que a gente vive aqui no bairro.”

Esperamos que a leitura seja agradável. E nos colocamos à disposição para contar, pessoalmente, mais sobre o projeto. Venham a Santos nos conhecer.

—
10
MESES
de duração

—
150
AÇÕES
no território:
apresentações,
intervenções,
oficinas, derivas

—
Cerca de
1800
participantes



Conrado Federici e convidada durante apresentação do Cabaré.

O início

Estudar em detalhes o projeto espanhol desenvolvido em Zaragoza; definição da equipe gestora do projeto; mapeamento e articulação com artistas; estudos sobre o território da Bacia do Mercado; seleção dos/as artistas participantes.



Planejamento prévio

Estabelecida a ideia inicial do que fazer e buscados os recursos para a realização do projeto, as etapas seguintes foram as de afinar o projeto:

DEFINIÇÃO DE EQUIPE_A diretoria do Instituto Procomum esteve à frente da **gestão executiva do projeto**, especialmente para as decisões estratégicas, parcerias e representações institucionais e prestação de contas. Para o encaminhamento diário havia uma **coordenadora geral** responsável pela coordenação operacional. Inspirado no modelo de La Colaboradora, também selecionamos **mediador local**, responsável pela interface dos participantes com a equipe do Instituto e um **mobilizador local**, responsável pela interface dos participantes com o território e com a comunidade. Essas duas pessoas foram escolhidas entre os artistas participantes do projeto.

PÚBLICO-ALVO?_Como o projeto previa o desenvolvimento de projetos de arte e cultura com dimensão comunitária, demos prioridade a **artistas cuja trajetória de vida estivesse associada a contextos comunitários, sobretudo periféricos, e que soubessem como dialogar com territórios populares**.

Outro parâmetro estabelecido foi mesclar diferentes linguagens com o intuito de que as trocas pudessem também ocorrer em planos estéticos distintos.

Além disso, buscamos trabalhar com **artistas em estágios distintos de maturidade**: alguns já profissionais, com experiência em formatação de projetos culturais e com uma identidade de trabalho mais definida; e outros ainda em formação, reconhecendo-se como artistas e aprendendo a produzir seu próprio trabalho e em busca de um caminho artístico.

IDENTIFICAÇÃO DE PARTICIPANTES_Definimos que a seleção dos participantes seria mista: **a maioria, via edital, pela chamada pública e alguns via curadoria da equipe organizadora**. Selecionar alguns artistas foi o meio que encontramos de realizar uma escuta ativa para que pudéssemos ser mais precisos na seleção dos artistas locais e antecipar possíveis demandas futuras.

O QUE FOI DISPONIBILIZADO_Investimos em um espaço que fosse capaz de absorver a demanda: uma sala de trabalho, em que os móveis pudessem ser facilmente deslocados para ensaios corporais e musicais; mesa com cavaletes de altura correta para pintura; luz e ventilação adequadas.

Assim que o projeto começou, todos os participantes receberam uma cópia da chave do Laboratório Procomum e da sala de trabalho de A Colaboradora para que tivessem livre acesso, a qualquer horário do dia, desde que fossem respeitados os acordos pré-estabelecidos.

GESTÃO COLETIVA DE RECURSOS_Foram disponibilizados dois diferentes fundos para que os artistas gerissem coletivamente:

- _ **Fundo de formação contínua: cursos com temática e professores que seriam escolhidos pelos próprios contemplados;**
- _ **Fundo de Material: os projetos tinham direito a verba para materiais necessários às suas respectivas produções;**

A ideia foi que, coletivamente, se decidisse a forma mais eficaz e eficiente de uso do fundo, otimizando recursos e planejando coletivamente.

ESCUA DO TERRITÓRIO_Para melhor entendimento do território e da comunidade estabelecemos que deveríamos gradualmente **mapear pessoas e lugares-chaves do território que pudessem, ao longo do projeto, alimentar o processos com histórias e vivências**. Este mapeamento e o formato que este encontro se daria ficaria a cargo dos participantes.

Aqui vale ressaltar que não obtivemos resultados muito positivos. Sobretudo em relação à autonomia para a gestão de recursos. Seria prematuro afirmar se isso é algo que ocorreria com qualquer grupo ou foi algo específico dessa turma que participou do primeiro ano do projeto. Mas algo que ficou de aprendizado para nós é que, sobretudo no caso das formações, será preciso desenvolver um currículo e analisar melhor as competências que queremos induzir ao final do ciclo de formação. Aprender a gerir recursos monetários e não-monetários é um grande desafio para pessoas da área criativa, ainda mais artistas. E isso precisa ser enfrentado.

Chamada Pública

Em março de 2018, A Colaboradora lançou uma chamada pública para seleção de seus participantes, amplamente divulgada na Baixada Santista. Abaixo consta o detalhamento de como se daria o funcionamento do projeto. Foi a primeira etapa pública de preparação de A Colaboradora - Artes e Comunidades, resultado das reuniões e debates apresentados na etapa anterior com a equipe organizadora. [O conteúdo da Chamada Pública era objetivo, direto e de fácil entendimento para circular nos mais variados espaços, de modo a atingir públicos diferentes. Trata-se da principal referência sobre o projeto.](#)

Os principais tópicos abordados na construção da Chamada Pública foram os seguintes:

O que a Colaboradora oferece aos selecionados?

- Conexão com uma rede internacional, nacional e local de pessoas e iniciativas que atuam com inovação cidadã, cultura livre, desenvolvimento comunitário, arte e criatividade, para fortalecer e preservar os bens comuns;
- Mentoria da Equipe do Instituto Procomum, formada por profissionais com diferentes conhecimentos e de profissionais convidados (alguns deles que irão desenvolver residências em nosso laboratório);
- Um espaço de trabalho e criação, com uma sala exclusiva, equipada com energia elétrica, internet, mesas e cadeiras;
- Acesso à toda infraestrutura do Laboratório Procomum, com vestiários, laboratório de permacultura urbana, cozinha, salão multiuso, sala de aula, residências, almoxarifado, biblioteca, área de lazer, e tudo mais que será inventado;
- Acesso a um fundo de autoformação a ser gerido coletivamente pelos artistas e produtores selecionados para a Colaboradora;
- Apoio para elaboração de projetos e para desenvolvimento de plano de sustentabilidade;
- Possibilidade de desenvolver um trabalho artístico-social na Bacia do Mercado;

O que os selecionados devem oferecer em contrapartida?

- Participar da comunidade da Colaboradora, de seus encontros e reuniões, o que também pressupõe estar aberto para trocas com os moradores da Bacia do Mercado;
- Desenvolver um projeto artístico nas imediações do Laboratório Santista;
- Conceber uma intervenção artística-cultural no festival de encerramento na região da Bacia do Mercado;
- Desenvolver junto aos outros selecionados uma dinâmica de cuidado compartilhado em toda Colaboradora, garantindo que a manutenção do espaço seja responsabilidade de todas e todos.
- Trocar serviços entre os demais selecionados a partir de uma moeda social baseada em tempo;

CrITÉRIOS de escolha

- Relevância estética e capacidade criativa
- Prioridade para artistas e produtores que demonstrem capacidade de articulação e colaboração;
- Diversidade temática (ou seja: busca por diferentes linguagens e formatos)
- Valorização da cultura popular, saberes tradicionais e das trajetórias periféricas de criação;
- Capacidade de compartilhamento do conhecimento e experiência educativa;

Premissa

Todos os projetos do Instituto Procomum possuem a premissa de fortalecer as ações e criações de mulheres (no plural), afrodescendentes e outras pessoas pertencentes ao que se convencionou chamar de populações sub-representadas;

Para baixar a chamada pública:

labsantista.procomum.org/edital-2018-a-colaboradora/

04

Conhecendo

Conhecer o território e as pessoas que nele vivem; a interação entre artistas selecionados e a região da Bacia do Mercado; processo imersivo de cuidados e produção do comum guiado pelo coletivo Etinerâncias, a partir de métodos colhidos nas andanças entre os de baixo, os indígenas, as comunidades tradicionais; os projetos que



02

Território

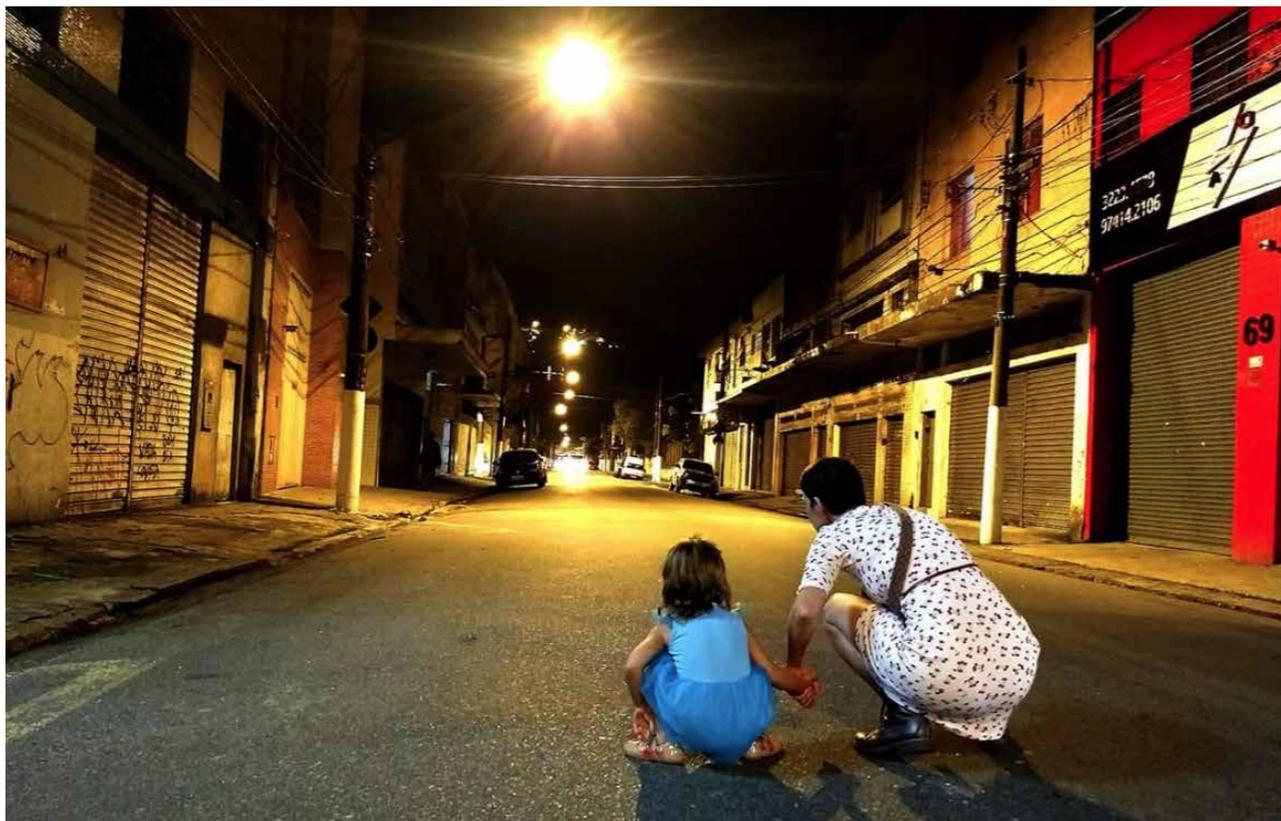
A primeira edição de A Colaboradora - Artes e Comunidades foi realizada no território onde o Laboratório Procomum atua em Santos: a Bacia do Mercado, uma área que fica em torno do Mercado Municipal de Santos, inaugurado em 1902 (mas reconstruído em 1947 no estilo que até hoje mantém) com a junção de dois outros mercados do gênero que funcionavam na cidade. **Hoje, o Mercado conta com 54 boxes de açougues, empórios, hortifrutigranjeiros, laticínios, peixarias, artesanatos, antiguidades, floricultura, muitos deles desocupados.**

No espaço em frente ao Mercado Municipal ocorre o embarque e o desembarque dos pequenos barcos de madeira chamados Catraias. São esses barcos, espécie de canoas maiores e motorizadas, que durante todo dia, inclusive à noite, transportam até 20 pessoas sentadas no trajeto entre Santos e Vicente de Carvalho, distrito de 130 mil habitantes que pertence à cidade de Guarujá. O trajeto de 800 m quase em linha reta é feito por pequenos barqueiros que atracam em frente ao Mercado; cobram R\$1,50 (0,40 euros) para a travessia, que percorre em 10 minutos o Estuário de Santos, onde os enormes navios que chegam ao porto atracam, até chegar em Vicente de Carvalho. Para pegar o estuário, as catraias tomam um pequeno canal que passa embaixo de avenidas e dos enormes armazéns das Docas do Porto de Santos, o maior da América Latina. A catraia é a maneira mais rápida de fazer esse trajeto.

A região no entorno do Mercado, também conhecida como Vila Nova, fica distante 20 minutos a pé do centro de Santos, local onde começou a ocupação da cidade, e outros 30 minutos da praia dos bairros do Boqueirão, Gonzaga e Ponta da Praia – reduto da classe média e alta local.

A Bacia do Mercado é formada **por ruas estreitas, comércios variados e cortiços – hospedagens apertadas, normalmente em prédios ou casarões antigos já deteriorados, habitados por famílias numerosas e pobres.** É uma região de alto índice de criminalidade, tráfico de drogas, exploração sexual infantil e atuação de milícias, mas também de muita vida na rua: de comércios de produtos diversos e dos mais variados lugares - em especial do Nordeste brasileiro; junções espontâneas de pessoas nos bares das esquinas e em frente ao Mercado e a Estação das Catraias; da Feira do Rolo, uma grande exposição de produtos e quinquilharias diversas que acontece todo domingo pela manhã.





Fixxxa e Diana olhando a lua na rua deserta próxima à Bacia do Mercado.

“Como a gente vai se colocar no território? Temos que perceber que a troca pode se dar também de uma forma não agradável. Temos responsabilidades com esse lugar: não queremos ser colonizadores, trazer a verdade, uma única verdade. O que a arte e a estética pode contribuir nesse aspecto? Como colocamos o que a gente sabe a disposição para a construção do comum aqui?”

Georgia Haddad Nicolau,
diretora do Instituto Procomum

“É uma região que foi esquecida pelo Estado e que sofre um tipo de abandono também pela sociedade da Baixada Santista, que não quer habitar essa região. Isso permite que ela seja também um espaço vazio dos controles: você anda pelas imediações do Mercado Municipal e vê as pessoas fazendo fogueira na rua!”

Rodrigo Savazoni,
diretor do Instituto Procomum

“É um território muito particular de Santos, atemporal, antigo. As casas e as ruas remetem a um tempo que não é hoje, mas a vivência das pessoas é muito atual”

Cássia Sabino,
participante de A Colaboradora

“É uma zona que está muito embrutecida, machucada, ferida”

Marina Paes,
participante de A Colaboradora



Samara Faustino, presidente da associação dos cortiços e responsável pela padaria comunitária da Bacia do Mercado



Para fazer um caminho de diálogo com a comunidade, com os desejos de cada artista e os interesses coletivos, uma etapa importante da preparação de A Colaboradora foi o processo de Imersão. Foram três encontros, o primeiro voltado ao reconhecimento de cada pessoa e do território; o segundo destinado a pensar o projeto de vida de cada colaborador e traçar um plano de médio e longo prazo, tendo a arte como centro de sua atuação; e, por fim, o terceiro encontro procurou afinar o projeto em desenvolvimento na região da Bacia do Mercado, bem como para alinhar as atividades do circuito de encerramento. O relato a seguir, feito pelo próprio coletivo Etinerâncias, traz mais detalhes de como funciona a imersão.

Metodologias colaborativas para o fortalecimento do comum: convivência, autogestão e inteligência coletiva

Por Coletivo Etinerancias

Para colaborar é necessário que haja um encontro. Encontrar é uma arte. Exige-nos um respiro que encruzilha tempo-espço e sentido.

Por essa razão, A colaboradora inaugurou-se com uma imersão grupal. Experimentando alguns mares e rios de metodologias colaborativas e decoloniais latino-americanas, facilitadas pelo Coletivo Etinerancias, pelos quais navegamos nossos corpos, nossa memória e nossos territórios. Nosso primeiro desafio então é mergulhar. Ou seja, mergulhar, adentrar, aprofundar nas potências de uma experiência inspirada no colaborar. Tornar-se semente e floresta ao mesmo tempo, como a vida é por hábito. Se tornar o que podemos vir a ser. Erguer um centro, repleto de significados, nossa primeira possibilidade de confluência. E assim, se tirar para dançar e quiçá se por a dançar com outras. Despertar a inteligência coletiva de um grupo de artistas que acaba de surgir. Pela primeira vez, juntas.

Como qualificar este encontro entre nós? Como se livrar dos quilos de poeira que impregnam as relações com a lógica monocromática da competição, os resquícios da colonização nas relações e a crise da solidão?

Vivemos tempos que nos exigem criatividade. Colaborar é lembrar, verbo que segue vivo desde tempos remotos por ser incumbido de manter a vida vivível na nossa casa e de nossa vizinha, driblando a lógica sistemática da escassez. Então como acessar e trazer para o centro da discussão a bagagem de práticas e memórias que temos sobre a coletividade que colabora? Como praticar a cooperação para a continuidade da vida vivível na arte? Como construir um espaço que parta de experimentação da colaboração para pensarmos outras metodologias de trabalho, convivência e gestão das tarefas de produção e reprodução da vida?

Nosso método tem como princípio a escuta, o vínculo e a convivência. E buscou estimular a inteligência coletiva para o enfrentamento dos desafios de manter em pé com o próprio corpo uma proposta tão ousada e atual quanto é A Colaboradora.

Assim, convidamos para vivenciar as potencialidades de vinculações, co-criar um ambiente para florescer a predisposição ao afeto, fortalecer e lembrar a cultura da colaboração como estratégia cotidiana e ancestral que possibilita a vida, propiciar a encruzilhada das trajetórias e visibilizar redes, experimentar o território por diferentes "sentires", viver o desafio da gestão coletiva das questões comuns, ler potências e limites do grupo e cartografar para manter a memória viva.

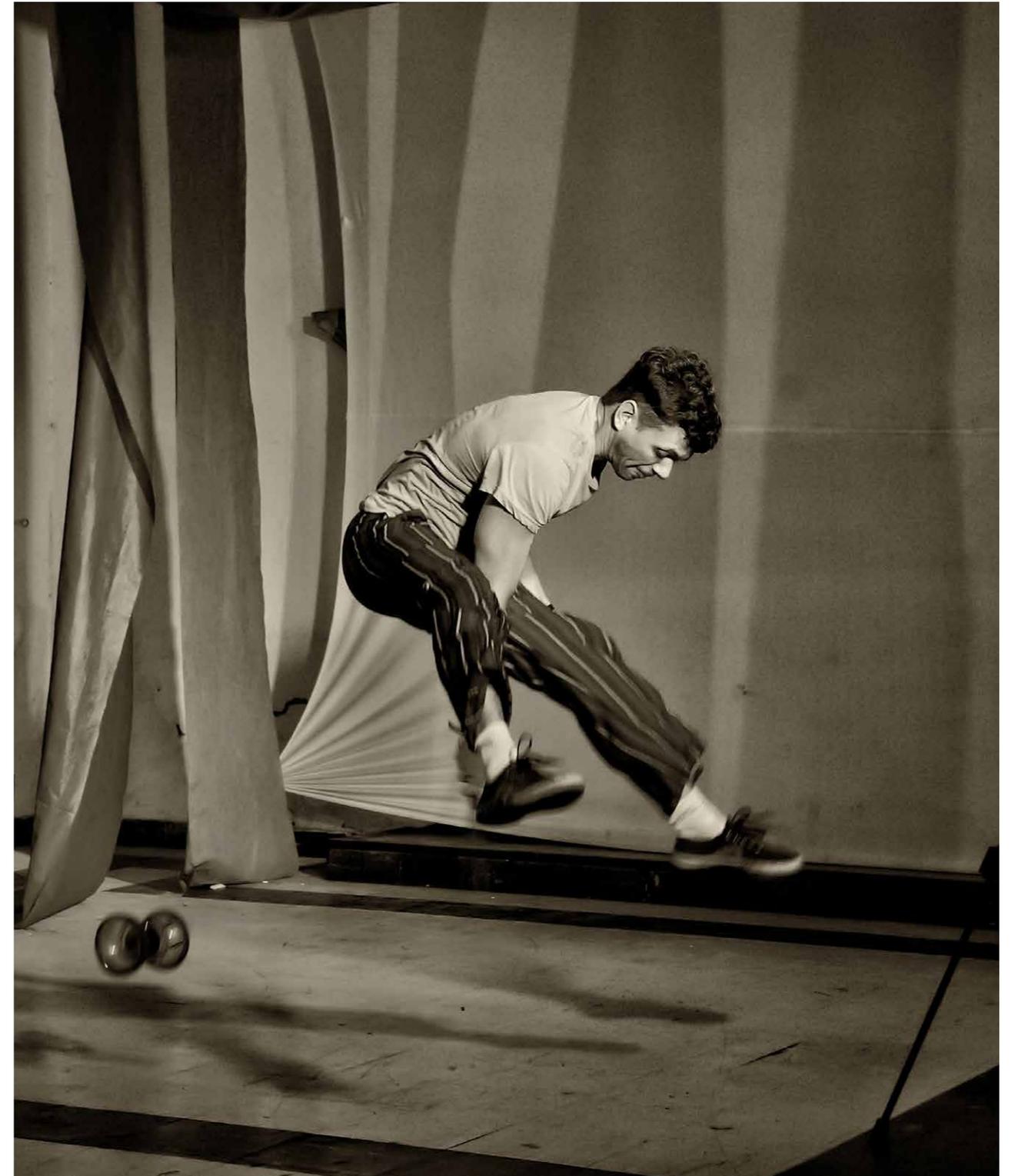
Partimos assim, em uma catraia* com 12 artistas, uma equipe especial do Procomum, as 3 facilitadorxs do Coletivo Etinerancias, 1 guardião da memória e 1 barqueiro sentido alto mar querendo fazer um Sarau. Cruzando o continente em direção ao outro lado, para alguns, desconhecido, ora desfrutando, ora tomando chuva, ora fazendo serenata aos peixes, ora nos abaixando para livrar-nos dos obstáculos. Conhecendo a nós mesmos e aos territórios desde o mar. Tão pequenos e invisíveis em relação aos gigantes navios petroleiros, mas constantemente remando. Foi assim, que o mesmo mar que dá o contorno da Bacia do Mercado, recebeu tudo o que nasce, cresce e floresce dessa experiência coletiva. Para nós foi um prazer imenso acolher, escutar, presenciar e seguir juntxs com cada artista e com a equipe do Instituto Procomum durante estes 10 meses. Tenhamos nós agora, com essa experiência, a memória em nossas mãos, da perseverança que não deixa ninguém pra trás.

Coletivo Etinerancias é formado por Raissa Capasso, Débora Del Guerra e Gabriel Kieling.

* barco simples de transporte marítimo que liga a Bacia do Mercado à Vicente de Carvalho

Pessoas e Projetos

Os artistas que participaram da primeira edição de A Colaboradora - Artes e Comunidades e seus projetos:



Aline Benedito (FIXXA)

Pioneira no grafite feminino na cidade de Santos/SP, arte-educadora e produtora cultural, Fixxa desenvolve há 12 anos intervenções artísticas com objetivo de ressaltar espaços públicos antes despercebidos pelas pessoas. No muralismo, foi premiada nos concursos 'Downhill Urbano 2014' (Prefeitura de Santos) e fez intercâmbio com o Festival de Tolosa (Espanha). Seus traços estão principalmente na Baixada Santista, mas também no interior e na capital paulista e em Pernambuco; seus stickers e lambe-lambes coloreem Argentina, Japão e Europa. Como arte-educadora, ministra oficinas brincantes de artes urbanas para crianças e adultos.



PROJETO_ "Ateliê Vivo" foi um processo artístico junto a pessoas em situação de rua, catraieiros e mulheres da Associação de Cortiços do Centro, de forte atuação na região da Bacia do Mercado. Produziu gravuras em relevo sobre madeira (xilogravura), fotos e poemas a partir da interação da artista e dos participantes. Sua ideia é fazer um livro chamado "Sentido Semelhante" para presentear os participantes e levar para as associações e escola do Bairro para contar sua experiência. Durante os meses de A Colaboradora, a artista também realizou diversos murais e grafites na Bacia do Mercado como forma de aproximar-se do território e das pessoas que vivem na rua.



Bruno Malagrino

Nascido em São Paulo, no bairro do Cambuci, um dos berços da street-art paulistana, Bruno é formado em Artes Gráficas e Comunicação Social. Trabalha como freelancer para projetos diversos - faz ilustrações, design de produtos, desenhos para marcas. Nos últimos 10 anos, desenvolveu seu trabalho autoral enquanto artista gráfico em murais, grafites e outros formatos, trabalhando com personagens e símbolos oníricos..

PROJETO_ Bruno começou A Colaboradora com um projeto relacionado ao mar, elemento forte da cultura caiçara, "ponto de saída e chegada da pesquisa." Porém, durante o processo, alterou a ideia central para uma reflexão visual da temática dos desencontros físicos. A partir da realidade encontrada nas derivas pelo território e das trocas com os moradores, produziu grafites, murais e uma exposição com o nome de "Desencontros", reunindo desenhos, pinturas e poesias. Assim como Fixxxa, usou os muros da vizinhança para registrar alguns de seus processos criativos durante a experiência da Colaboradora.

Cássia Sabino

Nascida em Santos, Cássia Sabino é "Afreekassia", DJ, MC e produtora. Faz parte do coletivo de DJ's Alce Negro e explora em sua discotecagem a sonoridade do "Punanny Sound System", que reúne sons que se propagam no "íntimo rude e sensível das mulheres pretas". Cássia também é idealizadora e coordenadora do Portal Umoja, um coletivo que busca por meio da produção coletiva de arte, unir e representar as mulheres negras. Foi a mais jovem participante de A Colaboradora (21 anos) e, durante a primeira edição do projeto, estava terminando o curso de Relações Públicas na Unisantos.

PROJETO_ Punanny Sound System é uma plataforma de arte, discotecagem, recitação de poesias, live editorial shoot, live painting e oficina de dança que reúne elementos materiais, visuais, sonoros e sensoriais para celebrar a estética, a sonoridade, a sexualidade e a identidade da mulher preta da diáspora. Cássia realizou diversas ações de Punanny Sound System durante os meses de A Colaboradora e uma edição com discotecagem, poesias, grafites e dança em dezembro de 2018.



Ewald Cordeiro

Ewald Cordeiro tem 30 anos, é professor de matemática e física e tem uma empresa de consultoria em tecnologia da informação. Em 2009, começou suas pesquisas como mágico com foco no encantamento gerado em quem assiste seus truques. Desde então, passou a criar e participar de trabalhos multidisciplinares incluindo mágica, malabares, artes cênicas e música e se apresentar em espaços e projetos ligados à grupos circenses ou de teatro, muitas vezes como o seu alter-ego mágico, Mister Duds. É também membro do TraMar Coletivo, que pesquisa linguagens integradas e intervenção.

PROJETO_ O "Cabaré (in)comum" é um show de variedades circenses que aconteceu nos meses de andamento da Colaboradora em diferentes locais do território da Bacia do Mercado. Os espetáculos priorizam o encantamento em forma de mágica, malabares, acrobacias, palhaçaria e outras intervenções, além de ser um espaço para os artistas (entre eles alguns integrantes de A Colaboradora) testarem seus números e também de interagir com artistas convidados e com a comunidade.



Juliana do Espírito Santo

Atriz, performer e palhaça, bacharela em Artes Cênicas pela UEL (Universidade Estadual de Londrina). Em 2012 funda a Cia de Teatro Vozavós e desde então desenvolve práticas e pesquisas ligadas a memória. Fez parte do coletivo de performance "As incríveis laranjas podres performáticas", e da Estúpida Cia de Teatro, ambos da cidade de Londrina. Participa do Grupo de Teatro Cena Preta; do movimento de palhaçaria feminina da Baixada Santista- PRAIAÇAS; do Coletivo Lua – grupo de mulheres que pesquisam as relações do corpo, movimento e espaço.

PROJETO_ Juliana realizou uma escuta sensível da Bacia do Mercado de Santos através de vivências cotidianas na região. A partir desta escuta, a atriz desenvolveu "Aporto", uma instalação criada a partir do encontro de idas e vindas com o mar e os catraieiros, barco que que liga Vicente de Carvalho (distrito de Guarujá) a Santos via travessia do canal do Porto. Juliana também co-criou e atuou com Ornella Rodrigues na performance "Tsumani".



Marilda Carvalho

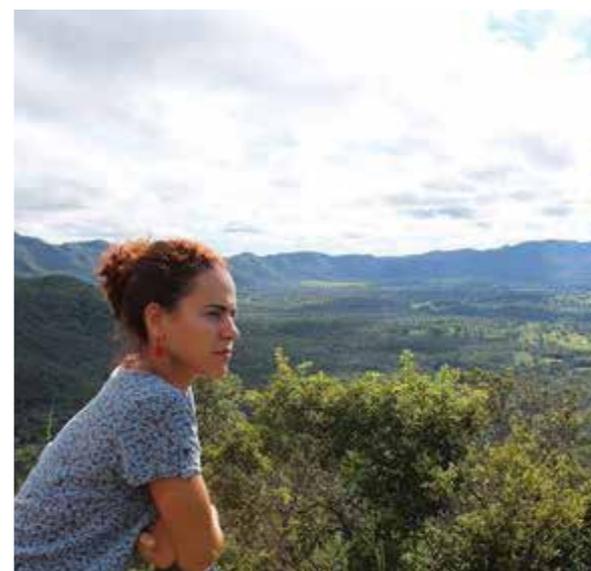
Nascida em São Paulo, Marilda é formada em Direção Teatral, Pedagogia do Teatro e Teatro Comunitário. Criou e participou de vários coletivos artísticos como Viajou sem Passaporte, Oficina UsynaUzona, Théâtre Aye-Aye e Ollin Théâtre. Atuou como professora de teatro em escolas do Estado de São Paulo e deu aulas em universidades (UDESC, UNESP e UFT-TO). Foi criadora e produtora do festival LusArts em Montreal. Como dramaturga e diretora, teatral criou os espetáculos diversos espetáculos, entre eles "Minha cor é verde meu coração e amarelo".

PROJETO_ "Histórias de gentes e plantas" foi um processo de escuta das histórias dos moradores do Bairro Vila Nova através da troca: Marilda dava mudas de girassóis, semeadas e cultivadas ao longo dos meses na sede do Instituto Procomum, e em troca pedia histórias das pessoas. Ao fim do processo, a artista desenvolveu e apresentou, em dezembro de 2018, diversas instalações que representavam as narrativas colhidas ao longo dos 10 meses do projeto. Como as histórias eram, em sua maioria, de pessoas que viviam há muito tempo no bairro, a instalação trouxe além das histórias humanas, a história do bairro.

Marina Guzzo

Artista e pesquisadora das artes do corpo, Marina Guzzo é professora da Unifesp no Campus Baixada Santista, pesquisadora do Laboratório Corpo e Arte e coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de Dança – N(i)D. Trabalha na interface das linguagens artísticas e a incerteza da vida contemporânea, misturando dança, performance e circo para explorar os limites do corpo e da subjetividade nas cidades e na natureza.

PROJETO_ "Fricções" é uma intervenção na área da Bacia do Mercado com xs artistas participantes da Colaboradora. Consistiu de coreografar um estado de presença e encontro por meio de um jogo através da presença dos passantes e das cadeiras coloridas em diferentes lugares do entorno da sede do Instituto Procomum. O projeto pretendia desmistificar a figura do artista para o território e desmistificar o território para o artista, aproximando o encontro, colorindo a cidade e a possibilidade de compartilhar um tempo em comum.



Marina Paes

Marina Paes é especialista em Gestão Cultural e mestra em Psicologia. Integrou o grupo circense Trupe Retalhos e o grupo Mergulhatu, de ritmos brasileiros. Atua há 12 anos na área da Cultura, tendo sido articuladora de um Ponto de Cultura na cidade de Assis, por 6 anos. Também idealizou e organizou diversas produções como o projeto Ritmocidades pelo Proac Culturas Negras, foi produtora do espetáculo F.A.L.A (Fragmentos Autônomos sobre Liberdades Afetivas) do Coletivo Negro e apoia o coletivo musical Futuráfrica.



PROJETO_ "Nosso refúgio" é um projeto que promoveu encontros entre artistas e cidadãos/ãos brasileirxs, imigrantes e refugiadxs com o objetivo de experimentar o que ressoa da conjunção de suas culturas. Contou com exposições e apresentações musicais e teve sua apresentação pública em dezembro de 2018 durante o festival Comum - encontro de culturas e comunidades. Marina também foi a coordenadora da produção Festival Comum: Encontro de culturas e comunidades e produziu as atividades artísticas que passaram pela sede do Procomum durante o período de A Colaboradora.



MID

Artista nascido e criado na Baixada Santista, Marcelo Midnight (conhecido como "Mid") é figura carimbada em pistas de skate, shows de rock e festas de música eletrônica da cidade. Artista autodidata, aprendeu a pintar no CES (Centro dos Estudantes de Santos), onde desenvolveu seu pensamento crítico que impulsiona a produção de quadros, grafites e pixos com um viés crítico ao processo de verticalização que a cidade vem sofrendo. Utiliza com frequência panfletos de novos apartamentos distribuídos na rua pra criar imagens caóticas que denunciam a especulação imobiliária, o racismo, exclusão social e outras opressões do capitalismo.

PROJETO_ Nos meses de A Colaboradora, MID teve como projeto o desenvolvimento e aprimoramento de seu trabalho enquanto artista gráfico criando uma extensa e prolífica produção em 2018. Fez sua primeira exposição individual no espaço do Instituto Procomum, em agosto de 2018, quando convidou moradores da região para interagirem com sua obra, e uma ao final, em dezembro do mesmo ano, quando fez de uma das salas do Laboratório Procomum uma extensão de sua mente criativa, com quadros, grafites, colagens e instalações até o teto que apresentavam suas angústias e opressões enquanto artista negro e periférico- inquietações amadurecidas profissionalmente durante o período da Colaboradora.



Michael Xavier (MK)

Conhecido como MK ou Mika, Michael é estudante de letras e trabalha profissionalmente com documentação de shows (principalmente fotos) da cena rock e rap da Baixada Santista. Escreve poesia e canções, solo ou em grupo e participa da cena de slams, tradicionalmente realizados na rua ou em praças, tanto rimando como na produção e articulação com os poetas e lugares; transita com facilidade entre a poesia, o rap e a canção em voz e violão. Foi o principal documentarista dos projetos realizados dentro da Colaboradora.

PROJETO_ Michael desenvolveu dois projetos durante A Colaboradora: o primeiro, chamado "O Slam da Bacia do Mercado", consistiu de encontros de poesia marginal periférica que aconteciam nas ruas da região da Bacia do Mercado, aberto a qualquer pessoa participar. Uma das edições ocorreu durante o festival Comum, realizado em dezembro de 2018. Também produziu o livro "Escuto sua História de Amor", projeto em que, MK coletou histórias de amor dos moradores da Bacia do Mercado.

ORNELLA RODRIGUES

Poeta, fotógrafa, candomblecista e feminista, formada em Letras e pós graduada em Psicopedagogia. Nasceu em Santos e é ativista dos direitos humanos. Iniciou sua militância como colaboradora da Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos e foi voluntária nos núcleos Educafro da Baixada Santista. Como educadora social, atuou em projetos sociais em comunidades da Baixada Santista. Dedicou-se à produção literária, difundindo a escrita entre mulheres. Produz também trabalhos de fotografia com foco na acessibilidade, em pessoas invisibilizadas e na identidade feminina.



PROJETO_ Ornella desenvolveu a performance "Tsumani", apresentada no final de 2018 na Estação das Catraias, no Mercado Municipal, fruto de sua dedicação ao estudo sobre o "corpo invisível" na dança e também "Olhares Sobre a Colaboradora", que teve por objetivo trabalhar a relação da mulher com sua autoimagem e o resgate de sua história/ancestralidade a partir de oficinas de criação de poesias, lambes e de fotografia e resultou numa exposição na sede do Instituto Procomum.



RÉVI

Artista múltiplo, Révi (Matheus Ferreira de Mattos Coelho) estudou durante cinco anos violoncelo no Teatro Municipal Brás Cubas - por dois, foi spalla do instrumento na orquestra do mesmo teatro. Já se apresentou em diversos festivais de música, circo e teatro nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Artista de rua, é visto com frequência pelas ruas da Baixada Santista fazendo malabares. Faz camisetas a partir de seus desenhos originais, canta, toca violão e pandeiro com desenvoltura. É membro fundador, produtor, malabarista, palhaço e acrobata do Circo Periférico.

PROJETO_ O circo traz o lúdico na vida de todos que tem acesso a ele, novos horizontes do possível e impossível. Com esse mote, Révi desenvolveu o "Circo Periférico" com o objetivo realizar oficinas livres de técnicas circenses na sede do Instituto Procomum, culminando com uma apresentação na praça do Morro do Querosene, em dezembro de 2018. Também atuou junto de Ewald, outro participante de A Colaboradora, no projeto "Cabaré (in) Comum".

Acordos: em busca da convivência autêntica

A missão: estimular a cultura do comum, afirmar que é possível viver uma vida baseada na colaboração, na autonomia, na troca entre pares; investigar a construção de uma comunidade de pares (artistas), num determinado território de ação social (A Bacia do Mercado); três grandes eixos: auto-organização, cuidado e moeda social de tempo.



Moeda de tempo: não me amarra dinheiro não

A moeda social de tempo é uma ideia antiga. Podemos dizer que sua origem remonta aos tempos iniciais do anarquismo e do socialismo utópico, ou seja, ao século 19, mas tem a ver, de certa forma, com a própria origem do dinheiro. Uma experiência destacada daquele período é o Banco de Tempo de Cincinnati, nos Estados Unidos, que inspirou muitas outras iniciativas semelhantes. Para nós, interessa, porém, pensar que o dinheiro é, como nos ensinam Bernard Lietaer e Stephen Belgin em artigo publicado na revista Piseagrama, "um acordo, dentro de uma comunidade, no sentido de usar um item padronizado como um meio de troca". Ou seja, é uma convenção, estabelecida por uma comunidade. No caso das moedas nacionais, é a convenção estabelecida pelo Estado Nação, com uma entidade que centraliza sua emissão e organização. Mas esse é apenas um acordo possível.

No universo da cultura é costumeira a lógica da "brodagem", trocas não materiais para viabilizar a realização de projetos, uma vez que a circulação de dinheiro corrente é escassa. No caso de A Colaboradora, a cooperação entre pares foi estabelecida como uma forma pedagógica de "pagamento" pelos serviços oferecidos pelo Instituto Procomum. Esse pagamento, no entanto, não deveria ser feito para o IP, e sim para a rede, buscando criar um fluxo de abundância que pudesse demonstrar que a cooperação pode ser um excelente meio de impulsionar economias locais. Deste modo, um mágico hacker, com conhecimento de linguagem de programação, pôde "vender" horas de construção de um site para uma poeta-fotógrafa em troca de fotos de divulgação. Nenhum dos dois teria dinheiro corrente para adquirir esses serviços, mas com a moeda social de tempo essa transação se tornou possível. E uma outra economia passa a surgir quando isso ocorre, muito potente.

Total de
intercâmbio
entre os
participantes
ao longo do
projeto:

950
HORAS



Autogestão: todos juntos?

A auto-organização é o processo pelo qual um grupo de pessoas assume a responsabilidade de conviver a partir de acordos estabelecidos por elas mesmas. Não se trata, como no caso da autogestão, de gerenciamento compartilhado. Se trata de organizar-se de forma coletiva, a partir de métodos e critérios definidos autonomamente. Durante o processo de A Colaboradora, buscamos incentivar essa capacidade entre os participantes, por meio de imersões conduzidas pelo Coletivo Etinerâncias, de dinâmicas de trabalho coletivo e, principalmente, por meio de um fundo de autoformação cujos recursos deveriam ser geridos entre os artistas participantes. De tudo que testamos, nessa primeira edição do projeto, esse foi o aspecto que menos obteve resultados. Sobretudo, no caso do fundo de autoformação, a decisão coletiva foi por uma divisão equânime dos recursos com posterior decisão individual sobre os gastos. O que ocorreu, portanto, foi uma espécie de privatização dos recursos coletivos, a partir de uma partilha em igual proporção. Sem dúvida, na sociedade atual, estamos habituados com outros regimes de governança, e construir a auto-organização segue sendo um dos principais desafios de todo processo que tem como sentido construir o comum.

- Oficina de design **(01 dia)**
- Oficina de Escrita de Projeto **(01 dia)**
- 02 seminários com lideranças artísticas e sociais locais para uma troca de informações sobre o território onde a Colaboradora está inserida
- Aulas de dança afro brasileira **(12 horas)**
- Visita ao Instituto Inhotim, um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil e considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina. Vale destacar que essa visita foi idealizada junto a um dos residentes visitantes do projeto de Residências do Laboratório Procomum, que além de hospedar o grupo, também guiou as visitas. **(02 dias)**
- Workshop de tipografia (Brush Mania) **(02 dias)**
- Encontro Rede sem fronteiras de Teatro do Oprimido **(03 dias)**
- Supervisão em Dramaturgia **(04 dias)**
- Práticas de Educação Somática **(02 dias)**
- Congresso Brasileiro de Atividades Circenses **(04 dias)**
- Oficina de palhaçaria **(02 dia)**
- Workshop de Iluminação **(01 dia)**
- Oficina Princípios Matriarcais e o Saber das Avós **(01 dia)**
- Oficina Dancehall queen style **(01 dia)**
- Vivência e estudo dobra a internacional situacionista **(04 dias)**
- Curadoria para Exposições **(02 dias)**
- Oficina de Eutonia : linguagem corporal e ancestralidade **(01 dia)**
- Vivência fotográfica no Reconcâvo Baiano **(05 dias)**
- Oficina de video clipe **(05 dias)**



Mulheres da Colaboradora durante faxina mensal do espaço.

Total de horas de cuidado doadas para o Instituto Procomum:

96
HORAS

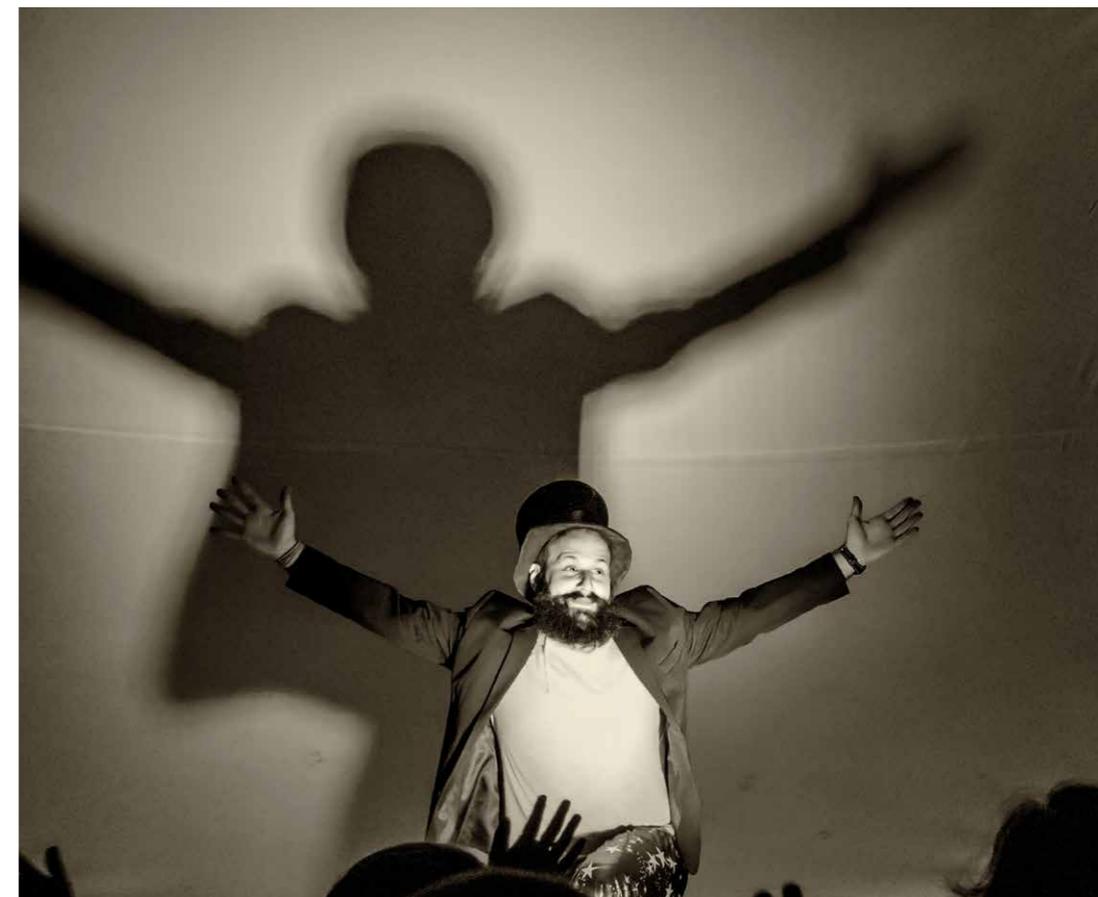
Cuidados: quem limpa a sua sala? Sua cozinha? Sua privada?

A Colaboradora que nos inspirou, na Espanha, é um projeto público. Lá, no Centro Cultural La Azucarera, a limpeza e a segurança do espaço de trabalho coletivo destinado aos participantes é de responsabilidade dos administradores estatais. No LAB Procomum, embora tenhamos serviço profissional de limpeza contratado, estabelecemos como linha constante de investigação a questão do trabalho reprodutivo e do cuidado entre todas e todos, uma vez que somos influenciados pelo pensamento feminista. Cuidar é parte essencial da construção do comum. Nesse sentido, definimos como contrapartida dos participantes a doação de tempo para o trabalho reprodutivo e buscamos estruturar mutirões de cuidado com o espaço de trabalho e com os espaços partilhados entre os colaboradores e as demais comunidades de usuários (sobretudo a cozinha e os banheiros). Em alguns momentos, os resultados foram positivos. Em outros, extremamente frustrantes. A questão da auto-organização é um desafio: estamos acostumados com lideranças centralizadas e com a alienação em relação à cooperação para o cuidado. No Brasil, é habitual termos posturas predatórias em relação ao que não é de propriedade individual. A construção de outra noção de respeito segue sendo um desafio central. Muito do que aprendemos ao longo de nossa trajetória, precisa ser desaprendido, para que enxerguemos como pode ser rico viver em um ambiente de cuidados partilhados.

04

Ateliê

Apresentações, intervenções artísticas, oficinas, derivas, foram mais de 150 ações no território, com distintos públicos atingidos. Integração com outros grupos de trabalho do LAB Procomum, ampliando circuitos de troca e produção. Fragmentos do Ateliê (labsantista.procomum.org/a-colaboradora-o-atelie), a plataforma em que os os artistas documentaram seus processos individuais e coletivos.



04



Fixxxa, Malagrino e Mid e o primeiro muro pintado juntos.

“Durante as atividades meus filhos vieram comigo, eles acabaram participando também, tanto é que no fechamento os desenhos que eles faziam durante as oficinas foram expostos como parte do trabalho. Essa experiência deles comigo foi muito boa porque deu para eles verem a minha realidade, quem eu sou.”

Luana XXXXX, participante de A Colaboradora e moradora da Bacia do Mercado

“Em meio a esta caminhada vejo um #colaborador equilibrando uma chave no nariz, encontro o pessoal do coletivo Germinação, a plenos punhos tratando de canteiros e novas técnicas de “aragem” da terra, e logo chegam #colaboradorxs de uma saída pelo bairro; foram pintar, espalhar fruição em um muro, que passa então a extrapolar sua condição de ser delimitador de algum espaço e ganha novos sentidos”

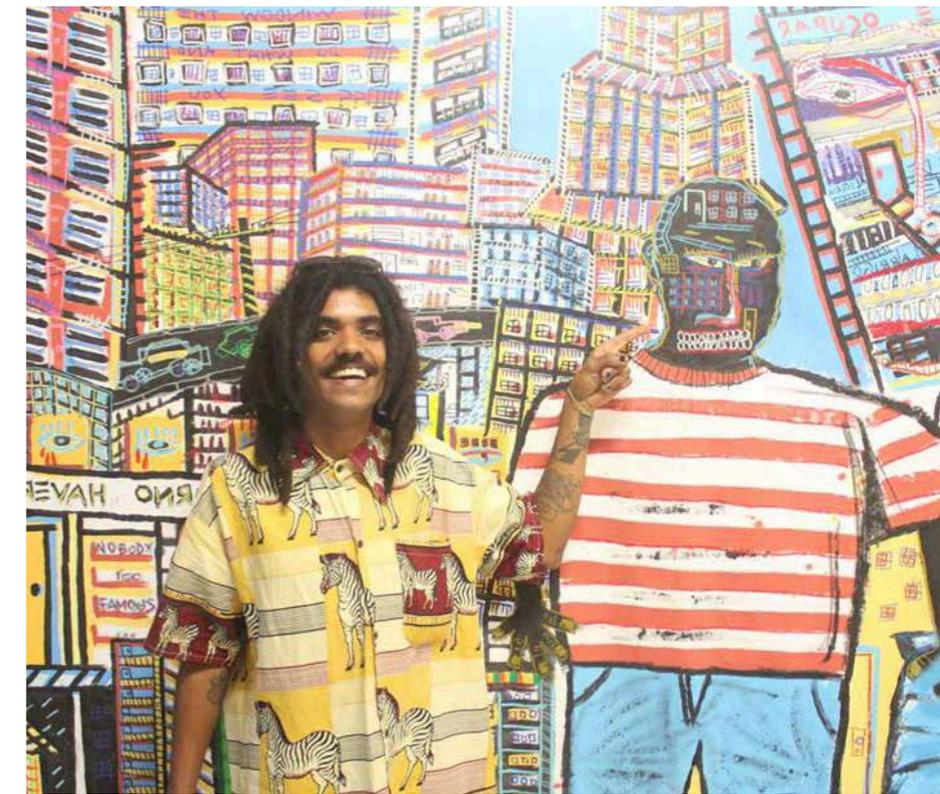
(Marina Paes, 6/2018)

“Reproduzimos em uma das paredes da Colaboradora o mapa do território no qual nos situamos. A proposta é de que consigamos dimensionar um pouco o espaço e passarmos a localizar pontos nos quais vivenciamos encontros, identificarmos afetos, marcos de vivências, e por aí vai. Mapa como possibilidade de curso, de caminhos, não como limite, fronteira”.

(Marina Paes, 7/2018)



Fixxxa, Marina Paes e seu pai no dia em que desenharam o mapa da Bacia do Mercado na parede do espaço de trabalho da Colaboradora.



Mid na abertura de sua primeira exposição no Instituto Procomum.

“No dia 31 de agosto celebramos a abertura da exposição do parceiro Mid “Lóki”. Em seu rosto, seu gestual, sua liberdade no andar entre amigues percebíamos a alegria e a sensação de satisfação de alguém que, com seu talento e dedicação, conquistou o reconhecimento de um nicho de pessoas e que está embarcando rumo a novas e auspiciosas viagens. A produção frenética, tão escura – em contraponto à clareza – e ao mesmo tempo incógnita, dado que enredada nos labirintos já produzidos pela cidade ensandecida, causam surpresa por sua magnitude e admiração. E assim, torço. Por esta vida. Travestida em letras viradas do avesso, por traços que não carecem explicação, mas são sentidos, e que exerce o livramento dos pequenos fascismos esparsos no ar do cotidiano urbano. O paradoxo do contentamento e amor distribuídos se deu já ao fim da noite, nas ruas, quando Mid pretendia estender sua celebração e foi interdito por atitude violenta de alguém que exercia um podre poder...”

(Marina Paes, 8/2018)



Ornella Rodrigues e suas alunas nas Oficinas de Bordado Feminista.

"Nosso segundo encontro teve novas mulheres, porém, já conhecidas. Minha amiga Simone veio com a Mãe para bordar e contar histórias. Escola de freiras, ensino religioso, família negra do interior. Incrível como nossos corpos se cruzam nesse movimento. Em cada tecido um relato de amor, cuidado e ancestralidade. Em cada fio, um entrelace de memórias. Outubro tem mais!"

(Ornella, 9/2018)

"Durante o mês de agosto participei do "Laboratório de Cartografias Sensíveis em espaços públicos" com Santiago Cao e outros diversos amigos que foram cultivados em longas horas de trabalho, experimentações, estudos e vivências. Posso garantir que meu olhar sobre os lugares que eu passo nunca mais será o mesmo. Seja através da visualização de práticas normais, violatórias e desviantes que até então não eram percebidas, ou o desejo de toda hora identificar se os lugares são públicos, privados ou íntimos. Ao final do processo, fizemos uma intervenção na frente da catraia. Através de um dispositivo agregador de corpos (pipoca na churrasqueira) e um dispositivo ativador de histórias (caixa de músicas) criamos um lugar onde pudemos sentir na prática todos os saberes que construímos e desconstruímos."

(Ewald, 9/2018)



Grupo durante as oficinas de Cartografia.



"Numa quinta feira de noite úmida, remanescente de dias seguidos de chuva na cidade de Santos, coloquei o corpo para dançar na rua. Lá onde os catraieiros descansam até chegar sua vez de levar os passageiros até Vicente de Carvalho, distrito de Guarujá-SP, há um solitário retângulo, um pequeno quase-quase pier. Um espaço que ao longo de minhas andanças nestes três meses de convivência com a Bacia do Mercado, vejo sempre vazio.

Um espaço sempre vazio na rua
Me chama atenção

E me escuta

Um espaço sempre vazio na rua

Me coloca no vão da pergunta

Quero dizer

Onde estava meu corpo naquele dia?"

(Juliana, 10/2018)

"Desde sempre eu ouço falar em reuniões que temos que fazer trabalho de base, mas essas mesmas pessoas que falam e estão ali a ouvir isso só vão na quebrada comprar drogas. Por que a periferia não é onde realmente rola os circuitos de apresentação de todos? Por que a periferia só é palco quando algum edital te força a fazer pelo menos um espetáculo na periferia? Agora estamos todos com medo de um novo modelo de vida, mas infelizmente se vir realmente isso que se cogita, a culpa é toda nossa, porque quando estávamos em nossa punhetação mental ao invés de fazer algo mais empirico, as igrejas estavam alimentando os moradores de rua, indo fazer visita nas cadeias e na quebrada tem igreja em cada esquina."

(Révi, 10/2018)



Fixxa e Juliana do Espirito Santo em uma das derivas para o projeto Sentido Semelhante.



Cassia Sabino e a residente Val Souza.

"O meu trabalho e o trabalho de muitas outras pretas tende a ser sobre nós mesmas. A mulher preta quando dedica-se à sua singularidade, involuntariamente, alimenta sua pluralidade. Nós somos muitas dentro de uma só. Por isso, a subjetividade da mulher preta é tão complexa, única e divina; é além de tudo plural e só cresce, engolindo tudo o que a rodeia. A subjetividade de uma mulher negra é atualizada sempre que acontecem trocas com outras mulheres negras".

(Cássia, 11/2018)

"Há quatro meses venho reunindo histórias e desenhos de pessoas que convivem com a realidade das ruas. Terça-feira saímos para mais um dia de convívio, estavam na deriva Fixxa, Juliana e MK (...). Abordamos uma mulher e um homem as duas pessoas tiveram reações violentas. Entretanto o homem foi mais violento, ele estava sentado em uma esquina aparentava ser uma pessoa recíproca para troca, abordamos como de costume: "Olá, você tem um minuto da sua atenção para falar com a gente", ele disse sim. Sempre apresento o trio, "eu sou a Fixxa ela é a Juliana e ele MK"; "Juliana é o nome da minha filha" diz o homem, e sorriu. Comecei a explicar sobre o projeto que estamos desenvolvendo na colaboradora, o livro "Sentido Semelhante", quando eu falei sobre desenhar nas costas dele uma planta medicinal ele ficou tão violento que mandou a gente ir embora, vai para lá com sua palestra, sai daqui já fechando a mão para dar um soco. Fazer um trabalho delicado como esse requer cuidado, atenção e sabedoria, porque as memórias acessadas são construções de experiências passadas a partir do momento presente".

(Fixxa, 11/2018)

"Essa experiência mudou muito minha relação com as minhas lembranças ruins. Na atividade (de dança) a gente teve que olhar para nossas lembranças ruins e aprender a lidar com elas, para não mais esconder isso dentro da gente. E saber lidar com essa lembranças me deixou mais forte, me trouxe mais estabilidade, no humor, saber resolver as coisas, saber que eu tenho a mim mesma e que posso ser forte nas situações difíceis. Não importa o que eu seja, eu não preciso deixar de ser eu, só tenho que enfrentar a situação."

Luana Camargo participante de A Colaboradora e moradora da Bacia do Mercado

"12 pessoas, 24 cadeiras. Esta foi a configuração nuclear com a qual fomos um pouco adiante do IP, ali na Bacia do Mercado, parte da proposta de Nina, em seu projeto junto à Colaboradora. Com parceirxs observando e registrando a ação. Em círculo, com uma cadeira vaga sempre ao lado. Com o olhar de soslaio em algumx parceirx que veio conosco. E começa a dança (?) das cadeiras (?). Vamos nos deslocando pelo ambiente, acompanhadxs por um convite (?) "quer sentar-se?", "gostaria de conversar?", ou o que mais pudesse estar implícito ou pudesse ser depreendido desta movimentação".

(Marina Paes, 8/2018)

Finalização

Durante 10 dias, as praças, ruas, calçadas e muros da região da Bacia do Mercado foram ocupados com espetáculos de dança e circo, sessões de cinema, batalhas de poesia, graffiti, bailes e rodas de música para o COMUM – Encontro de Culturas e Comunidades, um festival colaborativo com as experiências de relação cotidiana com a comunidade e com o território e que alimentaram a criação dos trabalhos dos participantes da Colaboradora.



Encontro de culturas e comunidades

Para celebrar e demonstrar os resultados do processo vivenciado pelos artistas ao longo do primeiro ano de Colaboradora, prevíamos a realização de uma mostra artística. A partir de uma articulação com o SESC-SP, por meio de sua unidade de Santos (uma das mais prestigiosas instituições culturais do Brasil), e da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), por meio de dois de seus projetos de extensão, a RadioSilva.org e o Laboratório de Sensibilidades, transformamos essa mostra no 1º Encontro de Culturas e Comunidades da Bacia do Mercado de Santos (<http://culturasecomunidades.procomum.org>).

O encontro teve duração de dez dias, e promoveu além de ações de encerramento dos projetos de cada um dos artistas selecionados pela Colaboradora, rodas de conversa, apresentações artísticas e intervenções comunitárias num processo de coprodução com outras instituições artísticas e sociais que atuam na região, como a Escola de Choro de Santos, o Instituto Querô, o Coletivo Futuráfrica, a Associação dos Cortiços do Centro, a Associação Comunitária da Vila Nova, a Vila Criativa da Vila Nova, promovendo assim um amplo processo de articulação político-cultural no território em que estamos estabelecidos

Círculos de conversa convidaram a população para a dialogar sobre o direito à moradia e ao território, históricos de ocupação e uso do solo, as histórias e memórias da região, práticas e políticas comunitárias, negritude e ancestralidade, arte e cultura. O festival investiu na arte, na cultura e nas ações em espaços públicos como vetores de mobilização e celebração coletiva, em sua potência de possibilitar encontro e



Colaboradores e moradores durante a performance Fricções.

convívio das diferenças. Buscou ainda dialogar com as práticas, repertórios estéticos e culturais do território e se integrar a eventos que formam a identidade da região, bem como privilegiar estruturas de organização comunitárias e colaborativas, como um café da manhã e um piquenique nos quais os interessados foram convidados a contribuir voluntariamente com itens a serem compartilhados coletivamente.

Nos bairros Paquetá, Vila Nova e Vila Matias, os artistas e criadores se juntaram à população em situação de rua, aos trabalhadores e trabalhadoras que vivem em cortiços, às trabalhadoras do sexo, aos gerentes e trabalhadores do comércio, aos usuários de drogas, às crianças e jovens, aos estudantes do ensino básico ao universitário, aos beneficiários de casas de assistência social, aos agentes religiosos católicos, espíritas e evangélicos, ao povo dos terreiros, à gente que vai e vem através das catraias, forjando um ambiente político-cultural baseado no pertencimento e em trocas políticas e subjetivas muito profundas.

O encontro demonstrou que a arte em espaços públicos é um vetor de mobilização e celebração coletiva, com sua potência de possibilitar o encontro e o convívio das diferenças.

“Nestes meses de vivência colaborativa começo a pensar sobre o tempo. Chegamos com propostas que mudaram na experiência com o território. A interferência em nós de ocasionais mudanças foram programadas pelo tempo, por coincidências, pelo cotidiano, pelos fatores inesperados que não se pode planejar. Pertencer ao território se faz aos grãos”.

Malagrino



Fixxxa, Juliana do Espírito Santo e Marianny Passos.

“A Colaboradora proporcionou um crescimento ímpar na minha criação artística. Aquilo que já era feito com comprometimento da minha parte, hoje ganha um status de exercício realmente profissional”.

Mid



Exposição Final De Malagrino.

“A Colaboradora pra mim tem sido um divisor de águas. Ela se tornou parte do meu processo de amadurecimento como artista. Estar e trocar com outros artistas, de tempos e linguagens diferentes, fez com que eu expandisse a minha visão sobre o que é arte e assim, conseguisse melhor sustentar e lapidar o meu propósito artístico. Eu sinto que estou crescendo e vejo que a arte e as trocas que estou tendo, que provocaram esse crescimento”

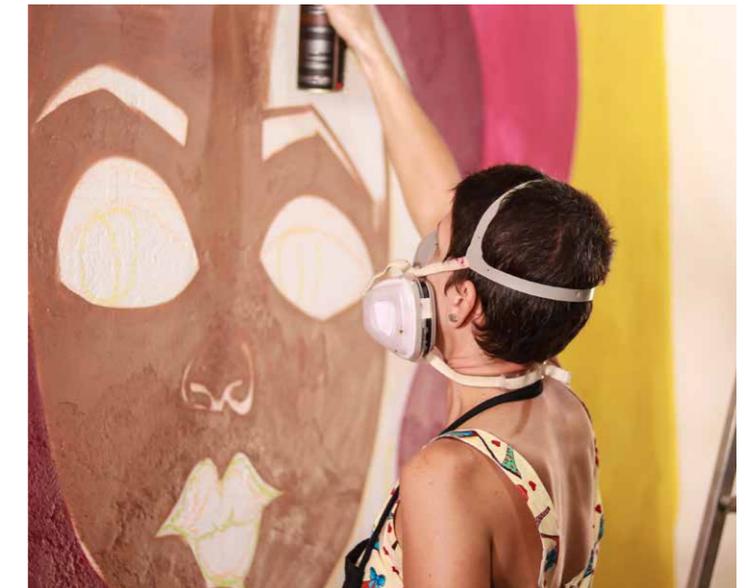
Cassia



Desenho do caderno de estudos de Malagrino.

“A Colaboradora é um dispositivo que, além de gerar encontros potentes entre os artistas, nos permite relacionar com a comunidade fazendo o que a gente mais gosta, que é arte e cultura. Isso permite um crescimento exponencial da nossa carreira artística”.

Ewald



Fixxxa durante a pintura de mural na padaria comunitária.

“Pego a catraia, são dez minutos de mar, mais 5 minutos de passos pela sete de setembro: Espaço em comum em volta de dentro. Um lugar de passagem e atravessamentos etéreos no solo. Trocas e afetos transformando os desafios. O comum no horizonte e numa sala pequena, no corpo e na mente que se movem no espaço, nas memórias coletivas de nossa casa da infância. Um dispositivo de sonhos nas interfaces das realidades”.

Juliana

“A arte de viver, que ainda floresce”

O que aprendemos no processo de realização da primeira edição de A Colaboradora – Artes e Comunidades? O que começamos a desaprender?

Retomemos “Je Vou Salue, Sarajevo” de Jean-Luc Godard, em que ele afirma “há uma regra e há uma exceção: cultura é a regra, arte é a exceção”.

A cultura do território do entorno do LAB Procomum é a da exclusão, do abandono, da ausência, da adicção, da violência. O que poderia a arte num lugar assim? O que poderia o artista? Que tipo de artista se expõe a estar nessas ruas, dentro dessa cultura, para confrontar a regra? Com que instrumentos?

Aprendemos que somente o artista que se levanta desse território, com seu corpo, com seu olhar, com sua fome, o artista que pertence à rua e se dispõe a fazer de sua própria vida a deriva que transforma a regra em exceção é quem pode contribuir para transformar a cultura, produzir beleza e alegria onde antes jazia desalento.

Assim, nossa primeira aprendizagem é que o artista não é, não pode ser, um agente exterior. Ele é o *insider* que produz a própria diferença, a ruptura da regra. Permitir a emergência desse artista, um sujeito que pode agir nos territórios para promover uma profunda transformação social, foi o que vimos ocorrer com A Colaboradora. Esse foi o principal resultado do projeto, o qual não seria alcançado se não tivéssemos trabalhado para romper a fronteira artista-público. O que começamos a produzir neste primeiro ano de trabalho, portanto – e agora sabemos o que será preciso para fazer isso ainda melhor – foi uma escola-rede, uma teia de criação, de trocas horizontais, em que o que esteve em foco foi a transformação da existência objetiva e subjetiva dos excluídos de toda sorte (nós e eles).



Ewald Cordeiro e morador das ruas da Bacia do Mercado.

Nossa segunda aprendizagem foi: autonomia não se ensina, se vivencia. Por isso, seria prematuro dizer que o que produzimos aqui é uma metodologia replicável. Que bastaria ler estas páginas publicadas, com textos e fotos, para desenvolver um projeto semelhante ao nosso. O que esperamos, apenas, com este registro, é inspirar, como um dia nos inspiramos em parceiros das terras de além-mar. Como, sobretudo, nos inspiramos em cada uma das pessoas que se somaram a nós neste experimento de colaboração social e artística.

A Colaboradora – Artes e Comunidades existiu em um lugar e em um tempo específicos, na cidade de Santos, nos bairros do Paquetá, Vila Matias e Vila Nova (Bacia do Mercado), no ano de 2018, em que o Brasil foi lançado ao abismo do autoritarismo, por meio do voto, por meio da manipulação, por meio do medo. Realizamos o que foi possível, nesse contexto. E sabemos que temos muito ainda para realizar e para transformar em nossas comunidades.



EXPEDIENTE

Editora executiva: Marília Guarita

Editor-chefe: Rodrigo Savazoni

Redação: Leó Foletto

Imagens: Maurice Pirotte, Rodrigo Ribeiro,
Victor Marinho e Vlado Subirão

Design Editorial: Estúdio Rebimboca

Tradução: Carol Munis



COLABORADORA

artes & comunidades



INSTITUTO
PROCOMUM